

FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO, TEOLOGIA E O CORONAVÍRUS: TECENDO OS SENTIDOS DESTE MOMENTO

Elizeu da Conceição⁹⁰

José Aguiar Nobre⁹¹

Resumo

Em um cenário mundial dominado pelo medo e pelas incertezas por causa da tragédia pandêmica do coronavírus, tem surgido uma série de dúvidas e questionamentos sobre o sentido da vida. Uma coisa já é certa, com o confinamento, a Mãe Terra, a Casa Comum da humanidade, está se regenerando. Com o número de voos cancelados pelo mundo a fora e a diminuição da poluição, bem como, do consumo desenfreado, é certo que, paradoxalmente, o Cosmo respira melhor. E isso acontece exatamente num tempo em que respirar pode ser letal. As pessoas se perguntam como devem se proteger e, em face disso, por todos os lados, eclodem indagações de carácter existencial sobre o sentido de tudo isso que está vivendo a humanidade. A presente pesquisa objetiva refletir sobre as perguntas pelo sentido da vida e que são levantadas em face à pandemia Covid-19. Do ponto de vista formal, indaga-se: a Filosofia e a Teologia têm uma palavra relevante sobre este momento? Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, cujos resultados esperados circunscrevem-se ao fato de entender que, como ciências atreladas ao processo

90 Pesquisador de doutorado em Teologia Pastoral pela UPS-Roma. Mestre em teologia pela UPS-Roma, com especialização em Pastoral Juvenil (2017). Vigário Paroquial da Paróquia Santa Croce, Roma. E-mail: uezile2008@gmail.com

91 Pós-doutorado em Filosofia (UFPR). Pós-doutorado em Educação (PUC-Campinas). Doutor em Teologia Sistemático-Pastoral, (PUC-RJ). Membro da Sociedade Latinoamericana de Filosofia de la Educación (ALFE); Sociedade de Teologia e Ciências da Religião (SOTER). Docente da Faculdade de Teologia da PUC-SP. E-mail: nobre.jose@gmail.com

educacional, tanto a Filosofia quanto a Teologia são desafiadas a oferecerem elementos que possibilitem uma genuína formação humana integral. Desse modo, argumenta-se que as pessoas têm a oportunidade de saírem da pandemia mais humanizadas, contribuindo assim, para que o mundo eivado de crises humanitárias, políticas, sanitárias, econômicas, religiosas e ecológicas, seja mais saudável.

Palavras-chave: Filosofia. Teologia. Coronavírus. Humanidade. Educação.

PHILOSOPHY OF EDUCATION, THEOLOGY AND THE CORONAVIRUS: WEAVING THE MEANINGS OF THIS MOMENT

Abstract

In a world wide scenario dominated by fear and by the uncertainties caused by the pandemic tragedy of Corona-Virus, a series of doubts and questionings about the meaning of life have risen. One thing is for certain, with the, Mother Earth, the common home of Humanity is regenerating. With the number of airplane flight canceled worldwide, the decrease of pollution as well for the unbridled consumption, it is certain that, paradoxically the Cosmos is “breathing” better. That is happening exactly in a reality in which breathing can be lethal. Are people wondering how they should protect themselves? In face of this, from every side, questions of existential character, about the meaning of life and all that humanity is passing through hatch. The following research has as objective to reflect the about the questions for the meaning of life and are asked in face of the Covid-19 pandemic. From the formal point of view is questioned: does the Philosophy and the Theology have a relevant word about this moment? It is about a bibliographic research, which the expected results circumscribe to the fact of understand, that like the sciences connected to the educational process, both the Philosophy and the Theology are challenged to offer elements that allows a genuine and completely human formation for that humanity rise up more humane and strengthened in a world poisoned by humanitarian, political, sanitary, economic, religious and ecologic degeneration.

Keywords: Philosophy. Theology. Coronavirus. Humanity. Education.

Introdução

Através dos olhares teológico e filosófico, pelos seus próprios objetos formais: Deus e a razão, entende-se que a humanidade não deverá ter o medo ou o desastre como palavras finais. O ser humano racional e religioso, que diz que a fé transporta montanhas – embora jamais se tenha visto tal fenômeno – sabe que “para Deus tudo é possível” (Mt

19,26), inclusive apresentar-se como frágil. Aqui se propõe a escrita deste texto, com elementos que brotam dos sentimentos colhidos neste tempo de incertezas, pois se sabe que, qualquer palavra ou tese com ares de certezas, em face da pandemia do Covid-19, de suas origens e do seu findar, já merece descrédito. É deste ponto de vista que, como que às apalpadelas, observando e interpretando gestos, movimentos e acontecimentos, que se esforça para que seja possível uma palavra minimamente equivocada, partindo das perspectivas da Filosofia da Educação e da Teologia, sobre a realidade mundial vivida, a partir da eclosão pandêmica do Coronavírus.

Percebe-se, claramente, que a atmosfera que se respira, nestes tempos, é aquela marcada pelo medo e pela angústia. No âmbito da filosofia, observa-se que o medo é um “fenômeno psicológico forte de caráter afetivo, marcado pela consciência de um perigo ou objeto ameaçador determinado e identificável. Difere da ‘angústia’, onde o objeto ameaçador não é identificado” (JAPIASSÚ, 2006, p. 189). No contexto pandêmico, pelo fato do objeto ameaçador não ser identificado, se faz presente a angústia. Ela é assim compreendida como um

mal-estar provocado por um sentimento de opressão seja de inquietude relativa a um futuro incerto, à iminência de um perigo indeterminado mas ameaçador, ao medo da morte e às incertezas de um presente ambíguo, seja de inquietude sem objeto claramente definido ou determinado, mas frequentemente acompanhada de alterações fisiológicas (JAPIASSÚ, 2006, p.11).

Através da sua linguagem própria, a teologia apresenta uma distinção entre o vocábulo medo e o temor. Pondera-se que o ‘medo’ se distingue do ‘temor’, argumentando que este é algo positivo, que é necessário ter sempre um pouco de temor, porque circunscreve-se à reverência pelo Outro, ao respeito à complexidade da realidade, à deferência do Desconhecido. Neste período de pandemia que revela algo misterioso, a humanidade é desafiada a experimentar o temor de Deus, entendido como a confiança em Deus. Este jamais deixará o ser humano abandonado à própria sorte. “Pai Santo, protege-os em teu nome, nome que me deste, para que sejam um, assim como somos um. Não rogo que não os tire do mundo, mas que os protejas do Maligno” (Jo 17, 12.15).

Em face ao inesperado tempo atual, marcado por uma terrível pandemia que ceifa tantas vidas mundo afora, evidenciam-se as categorias da esperança, do cuidado, da fraternidade e do questionamento. O ser humano hodierno é questionado sobre os sentidos deste momento. Trata-se de dias que reivindicam uma sagacidade em ajustar o olhar para além das aparências. É um movimento que perpassa o intransponível, em uma via de mão dupla que vai da crueza dos acontecimentos reais ao olhar místico e razoável, cuja essência mesma da vida humana e planetária possa ser percebida e defendida incondicional e universalmente. Trata-se, pois, de um processo sinuoso em que a humanidade é desafiada a trilhar, perpassando a lógica da fraternidade universal.

Entre introdução e considerações finais, o presente texto reconhece que este é um tempo de questões, muito mais do que de respostas e por isso está assim subdividido: (i) um pouco de contexto e problematizações; (ii) o que a Filosofia da Educação e a Teologia têm a dizer neste momento?; (iii) a fragilidade da existência humana e ambiental; (iv) a hierarquia dos valores; (v) do óbvio ao extraordinário: onde está Deus?

Um pouco de contexto e problematizações

No contexto atual, parece inevitável a união de forças mundiais no estabelecimento de estratégias de combate orquestrado ao Coronavírus. No entanto, paradoxalmente, o que se vê é justamente o isolamento de nações e o fechamento em suas próprias fronteiras, de modo que o inimigo não é apenas o vírus, mas as pessoas de outras nações. Não se quer com isso, questionar a orientação sanitária. Já no início da crise, algumas pessoas ao quererem estocar alimentos, por exemplo, revelaram falta de sensibilidade e compromisso com o outro. A pandemia do Covid-19, mais do que trazer dificuldades, está revelando os problemas abissais que já habitavam na sociedade. Evidencia a crise: política, socioeconômica e religiosa, dentre outras. É notável, que, mesmo que o vírus e suas consequências possam, em breve, serem explicados pelas ciências da saúde, no entanto, o descontrole da pandemia e as suas consequências respingam no sentido existencial, que continua à espreita da novidade e do sentido do viver.

Argumenta-se que, diante de um mundo dominado pelo poder econômico, com tantos avanços técnicos e científicos, o Covid19 evidencia o limite da vida. A criatura humana não tem o controle absoluto da sua existência. Ao deixar o mundo atônito e confinado, inevitavelmente, fez com que a humanidade se colocasse no seu lugar e se questionasse pelo sentido da sua existência. Deixa entrever então, que razoável e misteriosamente, à realidade sempre escapa algo de inexplicável e misterioso. Isto é, o inesperado, o imponderável e mistérico, diuturnamente, vão tecendo os sentidos desse momento.

Durante a experiência de confinamento, as pessoas vão definindo protocolos do existir. Inúmeros profissionais da saúde lutam para salvar as vidas da morte imediata e muitos cientistas se dedicam à busca de uma vacina que possa debelar tamanho mal. Desse modo, a humanidade evidencia que o medo é um limite que ela deve vencer e que a desafia no uso da criatividade. Ela não se curva perante a letalidade do inesperado. No entanto, com as notícias de que uma indústria farmacêutica produzirá a vacina de combate ao Covid-19, mas que a disponibilizará primeiro aos EUA, por causa do seu grande financiamento é algo decepcionante. Uma vez que a fórmula descoberta seja eficaz para controlar a epidemia e favorecer a sobrevivência da espécie humana, deveria ser disponibilizada indistintamente a todas as indústrias farmacêuticas, para que a produção fosse suficiente a todos os seres humanos.

Se, por um lado, há quem diga que as ciências darão conta dos problemas referente à doença, presente no mundo (mal físico), por outro, lado há que reconhecer que, em face de um mundo que tem nas mãos a sua autonomia, esta precisa ser usada com responsabilidade, empatia e fraternidade. É preciso reconhecer que a própria liberdade humana se mede quando ela é usada de forma responsável, sem qualquer tipo de egoísmo, caso contrário vira servidão. Sem este entendimento, o ser humano pode usá-la de modo equivocado. Por exemplo, ao explorar egoisticamente os recursos naturais, extingue a capacidade do planeta de se regenerar e isso, se entende como mal moral, (pecado) e também como um mau uso da liberdade. Sabe-se que o ser humano, ao ser chamado à existência, recebeu a função de cuidar e guardar o planeta. “O Senhor Deus colocou o homem no jardim do Éden para cuidar dele e cultivá-lo” (Gn 2,15). Ora, se o ser humano não exercer a sua vocação do cuidado e do cultivo responsável do planeta, pode provocar o descontrole ambiental e impor ao cosmo todo tipo de sofrimento. Não se pode descartar que a própria pandemia tenha vindo de uma falta de nutrientes para natureza se proteger. E os sofrimentos não foram fabricados pelo além, mas as atrocidades todas elas do tempo presente, mediante a violência e o trauma precisam ser combatidas, em vista de uma vida plena para todos.

Indubitavelmente, vivemos o século da violência e do trauma, essa dupla inseparável, assim como o XX foi o século do mal-estar ‘na’ e ‘da’ cultura. De certa forma, violência e trauma são derivações diretas do mal-estar localizado por Freud. Evidentemente, não afirmo com isso nada de novo: as décadas passadas nos conduziram ao estado de coisa que agora presenciamos. Em uma época em que a figura paterna se liquefaz e surgem prováveis arranjos de representação do pai, tudo se torna incerto: quem se acreditava estar no controle, detendo a Lei, parece ter perdido seu posto, seja este alguém Deus, o Estado, o herói social. Para muitos, a irrelevância das proibições que tentam ser estabelecidas na sociedade, somadas às fragilidades das construções éticas, refletem uma cultura devastada pelo gozo perverso (MESSIAS, 2019, p.98).

Argumenta-se que, fruto da má ação humana provocadora da violência e do trauma, hoje a natureza se encontra devastada, maltratada, descuidada. Não é novidade reconhecer que em uma sociedade que não se leva em conta, a não ser o lucro a qualquer custo e a exploração desenfreada da natureza, para ela tudo está certo. Sendo assim, pondera-se que:

A sociedade de consumo não vê como problema a degradação do meio ambiente, a diminuição dos recursos naturais, a responsabilidade para com as gerações futuras, as consequências da devastação do *hábitat* humano para os mais pobres. Por detrás da mesma está uma racionalidade de cunho utilitarista

que busca produtividade e eficácia a todo custo por meio de uma ciência técnica que desvaloriza tudo o que não se alinha com seus objetivos (MIRANDA, 2016, p. 11).

Nesse sentido, seria possível conceber “a má ação como o resultado de uma escolha deliberada” (JAPIASSÚ, 2006, p. 176) e, assim, a afirmação da vida fica comprometida. Em face de tais ponderações, “basta observar que o descobrimento da autonomia das realidades mundanas, ao mostrar sua consistência, mostra também o cunho infranqueável de seus limites, o caráter estritamente inevitável do mal no seio de um mundo finito” (QUEIRUGA, 2006, p. 19). Em vista de tudo isso, entende-se que a humanidade, embora ameaçada, é conscientemente de ser possuidora do uso da razão para se dedicar ao bem, à defesa e cuidado da vida. Portanto, do ponto de vista filosófico e, em interlocução com a mediação teológica, também se está diante de uma humanidade que crê na salvação. Não uma salvação pós vida biológica, mas uma salvação que já tem aqui o seu início. Ou seja, o ser humano hodierno é desafiado a entender que a sua condição de finitude não é estática. “Aqui trabalha com o que é tão somente pressentido e de longe adivinhado pela inteligência, ainda que seja firme na confiança do coração, dentro da lógica da fé. A finitude não ficou anulada, pois não se perde nem rompe a identidade mais íntima das pessoas salvas” (QUERIRUGA, 2011, p. 225).

Percebe-se que, muitas vezes, através das redes sociais, se espalha o medo pelo modo como divulgam certas notícias que, ao invés de informar ou formar, geram pesadelos em muitas pessoas. Uma frase famosa, atribuída a Franklin Delano Roosevelt, (*alhures*), é que “a única coisa da qual devemos ter medo é do próprio medo”. Pensa-se de modo concreto nas pessoas que avançam nos supermercados para comprar tudo que é possível, por medo do vírus, pessoas que não conseguem dormir por medo, pessoas que adoecem por medo.

Mas, se pode colher uma boa mensagem em tudo isso? O que será possível aprender a partir deste momento? E Deus, onde está, Ele diz algo para a humanidade ameaçada? Será uma oportunidade também para uma mudança no cenário político, de modo que se passe a valorizar mais uma ética do cuidado do que uma economia que oprime e mata? A Filosofia e a Teologia têm uma palavra relevante para este tempo de pandemia?

O que a Filosofia da Educação e a Teologia têm a dizer neste momento?

É evidente que tanto a Filosofia da Educação quanto a Teologia não pretendem dar respostas às calamidades que costumam acontecer. Contudo, como ciências que se debruçam sobre o sentido da existência, elas serão sempre desafiadas a fomentar uma reflexão frente a tais situações. Nesse sentido, a expressão *theo-loghia*, que, literalmente quer

dizer “palavra sobre Deus”, ou seja, uma mensagem divina, desabrocha como chave de leitura para este momento. O teólogo Clodovis Boff afirma que, em si mesma, a “criação é um grito articulado por um Criador. A teologia nada mais faz senão recolher esse grito e articulá-lo racionalmente” (BOFF, 1999, p. 78). E, com este vírus se espalhando por todo mundo, se ouve um grito de toda humanidade pedindo por uma mensagem de Deus, pedindo por uma solução. Como a Teologia é a ciência que procura entrar no mistério divino para revelar à humanidade uma boa mensagem, a presente reflexão se propõe a ir em busca de tal novidade. Na história, esta ciência é entendida como *teodiceia*, ou seja, procura justificar Deus perante a existência do mal. Então, a reflexão teológica se depara com aquele eterno problema: é compatível Deus e o mal? E no momento atual, as pessoas colocam esta pergunta de outro modo: mas por que Deus, que é onipotente, não aplaca o sofrimento de seus filhos, eliminando este vírus? Até mesmo o Papa Francisco, em uma conversa com estudantes do ensino fundamental, afirmou que quando estiver diante de Deus, a primeira pergunta que fará é “por que as crianças sofrem?” (PAPA FRANCISCO, 2017).

Vale dizer que diante destes questionamentos, aqui não se busca por respostas precisas, nem por receitas prontas. Busca-se pelo que é possível aprender de um momento como este. A Teologia se torna, então, um instrumento para a compreensão de uma mensagem divina à humanidade. E pode ser entendida em dois pontos principais: o primeiro se refere à *fragilidade da existência humana*. O ser humano deve ser consciente que, depois de viver uma certa embriaguez, possibilitada pela técnica e a ciência em geral, ele pensa que pode quase tudo, que tem em mãos o poder de ser e de existir ilimitadamente. Contudo, chegou o momento de se deparar -, de forma desvelada e simultaneamente universal -, com a sua realidade frágil e finita. Atônito, o ser humano constatou-se que, de um momento ao outro, ele pode não mais existir. A segunda mensagem da teologia é também uma advertência à consciência de que *existem outros valores*. Quando a criatura humana vê se desfazer certos valores: como por exemplo, tolhida a sua liberdade de ir ao trabalho, ao parque, à igreja, depara-se com uma “crise secular”. “O que basicamente é uma crise secular de dimensões gravíssimas tem, em muitos casos, nos remetido de volta às nossas crenças religiosas, forçando-nos a tentar transpor o hiato entre o que professamos e a maneira pela qual agimos, ou antes, a integrar a nossa fé e a nossa maneira de viver” (CONSELHO PONTIFÍCIO DE JUSTIÇA E PAZ, 2005, p. 120). E, essa maneira de viver, se efetiva na medida em que a humanidade começar a questionar sobre os valores que realmente valem a pena cultivar. Ou seja, quando ela reconsiderar a sua hierarquia de valores para cuidar e zelar da vida. Quando o ser humano chegar a este ponto, sabe-se que ele tem em mente a fragilidade e a vulnerabilidade da existência humana e ambiental e os caminhos para conservar a vida digna para todos.

Já que a experiência que se vive é estranha e, em muitos, causa sentimentos e emoções talhados pelo medo e pela angústia, se faz

necessário recorrer ao sentido de reverência pelo mistério presente na natureza. Sendo assim, o tempo presente reivindica entender que “não há separação entre Terra e humanidade; [elas] formam uma única entidade. [...]. Essa visão de totalidade nos torna humildes e ao mesmo tempo orgulhosos por nos sentirmos parte do universo, aquele ser pelo qual o próprio universo se sente, se pensa e venera a Fonte Originária de todos os Seres” (BOFF, 2018, p.115). O fato é que a humanidade, na época pandêmica, experimenta uma realidade de expectativas em face ao imponderável. E, a busca pelo sentido de vida deverá despertar a consciência de que o próprio ritmo da natureza requer do ser humano “uma atitude de admiração, de respeito, de contemplação de um Deus cuja primeiríssima revelação foi a d’Aquele que cria, que transforma algo novo ou original em um ser” (CONSELHO PONTIFÍCIO DE JUSTIÇA E PAZ, 2005, p. 119).

Ao serem questionadas, na sua essência, consciente e ou inconscientemente, as pessoas vão transitando entre medo e temor. Resta dizer, que mesmo em face do desastre, ele não tem a última palavra perante o mistério da vida. Nesse sentido argumenta-se que:

A verdade é que a vida é graça e desgraça, é sonho e morte, é peso e eternidade, céu e inferno, grande interrogação e certeza de plenitude final. O grande desafio consiste em diminuir as sombras amedrontadoras do mal, que causam infelicidade e desencontro, e revelar a *‘imago Dei’* que estrutura intimamente cada pessoa, de forma perfeita e transparente. A morte é apenas um casulo que se rompe, deixando emergir, radiante, a crisálida e a borboleta (BOFF, 1991, p. 40).

Nas perspectivas filosófico-teológica, o ser humano não se deixa aprisionar nem no medo e nem na angústia, mas na esperança. Em vista disso, vale ressaltar que, “hoje em dia a vida humana está realmente correndo risco. Ela não corre risco porque está ameaçada pela morte. Sempre foi assim. Ela está em perigo porque não tem sido mais amada” (MOLTMAN, 2014, p. 58). E, a falta de amor pela vida faz com que ela seja levada de qualquer jeito, sem planejamentos e realizando ações sem perspectivas de um cuidado consigo e com o outro. Entende-se que diferente do temor, o medo e a angústia fazem a humanidade realizar tarefas, muitas vezes de modo inesperado. O que aqui se diz, está à vista mediante os inúmeros gestos e ações humanas no período da pandemia. Quando poderiam aproveitar para ler, meditar, descansar. E, isso é captado, ao observar as pessoas que só sabem ficar irritadas no confinamento. Nota-se também pela proliferação das inúmeras *lives*, tanto musicais quanto religiosas/celebrativas e ou reflexivas, que, quando saturadas, perdem o foco dos sentidos da vida. Vale reconhecer, o valor da arte, da literatura, da música que tem sido evidenciado como mediações para gestos concretos de solidariedade e fraternidade. Argumenta-se que, neste tempo, se por um lado, revelam sentimentos e certezas de que as pessoas se sentem ameaçadas tanto física, quanto

psicológica e ou espiritualmente, por outro lado, revelam também que a humanidade, de posse do uso da razão e de sua força misteriosa, é proativa e jamais será dominada passivamente.

Teologicamente, este gesto e força humana na luta contra a pandemia do Covid19, pode ser reconhecido como graça divina. Graça divina porque, não obstante aos sinais de morte, a força das pessoas para a luta parece se redobrar. “Tudo é graça, já dizia um personagem de Bernanos, na desgraça de sua bebedeira”. (BOFF, 1991, p. 40). Entende-se que, sem a força misteriosa que é pura graça divina, as pessoas se fechariam em si mesmas e seriam incapazes de debelarem tamanho mal, ou mesmo de continuarem lutando contra ele. Nesse sentido, compreende-se que “a graça é o voltar-se – imerecido, inesperado e incompreensível – do amor de Deus ao homem, conduzindo-o à salvação na comunhão de vida com Deus, desvelando e vencendo libertadoramente a oposição a Deus enquanto prisão do homem a si próprio” (PESCCCH, 1993, p. 328).

Em face ao problema do mal no mundo contemporâneo, argumenta-se que:

[...] o problema do mal afeta desde sempre a humanidade, ainda que às vezes a teologia tenha podido esquecê-lo. Nosso tempo, no entanto, não o pode permitir: Auschwitz e o Gulag sublinham-no com tal violência, que não é mais possível esquivar-se de seu desafio. Desafio universal e perene, porque Auschwitz e Gulag são de alguma maneira o mundo. É possível rezar depois de Auschwitz? É possível crer em Deus perante o panorama que nos esmaga com guerras e genocídios, com crimes e terrorismo, com fome e exploração, com dor, doença e morte? Dietrich Bonhoeffer, grande diagnosticador desde o próprio olho do furacão, anunciou a resposta que está exigindo nosso tempo: ‘Só o Deus sofredor pode salvar-nos’. Mas, para além da simples proclamação, entre a pergunta e a resposta resta ainda amplo vazio que clama por mediação teológica. Porque, essa afirmação só é válida se se situa com plena consequência dentro de novo paradigma de um Deus não intervencionista e delicadamente respeitoso da autonomia do mundo (QUEIRUGA, 2006, p. 17).

Na filosofia, por sua vez, filósofos discorrem sobre a temática do mal, como exemplo, o filósofo Paul Ricoeur, que procura dialogar com as respostas dadas pela tradição. Para ele, o mal é um enigma que o ser humano deve assumir no quadro da dimensão trágica da existência. Ou seja, o mal protagoniza a dimensão trágica da vida porque evidencia os limites das respostas teóricas e obriga a humanidade a encontrar outros modos de relação. Para Paul Ricoeur, o mito adâmico “revela ao mesmo tempo esse aspecto misterioso do mal. Quer dizer, que cada um de nós o começa, o inaugura [...], também cada um de nós o encontra, ‘já aí’, nele, fora dele, antes dele. [...] o mal está ‘já aí’. Ao transferir à origem do mal para um passado longínquo, o mito descobre que na situação do homem, isso já aconteceu” (RICOEUR, 1978, p. 279). Deste modo, não é a pessoa que começa o mal, mas o continua.

Na interpretação deste filósofo, o mal, além do aspecto religioso, toma uma dimensão ética, em dois sentidos: primeiro em relação à questão da liberdade e num segundo sentido, em relação à questão da obrigação. Sendo que a visão ética do mal é retomada na liberdade, uma vez que ele é fruto ou invenção dessa. Assim, “o mal tem a significação de mal porque ele é obra de uma liberdade; eu sou autor do mal” (RICOEUR, 1978, p. 421). Contudo, se a liberdade qualifica o mal como “fazer”, ele acaba por ser o revelador da liberdade. Então, “o mal é uma ocasião privilegiada de tomar consciência da liberdade” (RICOEUR, 1978, p. 422). Mas, na filosofia, essa temática não permanece na simples definição, ela toca à dimensão essencial da metafísica. Sendo assim, argumenta-se que:

Entende-se por metafísica a passagem da ontologia ao transontológico, àquilo que se situa além do ser, na realidade, o outro. A ontologia é fenomenologia; é o *logos* ou pensamento acerca daquilo que aparece (o fenômeno, o ente) desde o fundamento (o ser). Além da fenomenologia abre-se o caminho da epifania: a revelação (ou apocalíptica) do outro por seu rosto, que não é um mero fenômeno ou manifestação, presença, mas epifenômeno, vicário, pegada ou rastro do ausente, do mistério, de um além do presente. A ontologia (fenomenologia) dá lugar à metafísica (epifania apocalíptica do outro). A manifestação do ente se realiza a partir do horizonte do fundamento ou do ser do sistema; a epifania se realiza como revelação daquele que realmente decide além do horizonte do mundo ou da fronteira do Estado. Manifestação não é revelação; presença não é exposição ou traumatismo. A libertação não é uma ação fenomênica, intra-sistêmica; a libertação é a *práxis* que subverte a ordem fenomenológica e a transpassa numa transcendência metafísica que é a crítica total ao estabelecido, fixo, normalizado, cristalizado, morto (DUSSEL, 1986, p. 64).

Com estes breves acenos teológicos e filosóficos, pondera-se sobre as dimensões da fenomenologia – do que está acontecendo na atualidade – e da epifania – que se revela através do fenômeno –. As duas dimensões conclamam por uma libertação, no sentido de entrar no profundo da questão humana. Questão hoje desvelada, mas que não pretende apenas voltar à “normalidade”, mas alcançar novos patamares do sentido da vida e da dignidade humana.

A fragilidade da existência humana e ambiental

Vale recordar que a natureza não é ilimitada, mas como criatura, está em movimento constante de degeneração e regeneração, é vulnerável. Contudo, como toda criatura, está talhada numa dinâmica de constante renovação. Da mesma forma, são os seres humanos que, paradoxalmente, carregam em si grandes potencialidades e fragilidades. Essas características demonstram que não são deuses, mas criaturas, ou

melhor, seres humanos necessitados de crescerem sempre na necessária consciência dos seus limites, virtudes e fragilidades.

Argumenta-se que o reconhecimento da fragilidade da criação é o antídoto contra a prepotência que ainda reina em muitos seres humanos. Sabe-se que todos são limitados e frágeis e o destino comum da humanidade reivindica o reconhecimento da necessidade de uma fraternidade universal.

Somos chamados a portar ao mundo a urgência, realista e utópica a um só tempo, dessa lógica fraternal. Lógica que conta, por um lado, com a cruz da história, sujeitando-se à paciência das mediações e até mesmo a seu eventual fracasso; e, por outro, não cede à resignação nem renuncia à urgência. [...]. Tornar presente de alguma forma a força desse apelo, unindo-a aos esforços de todas as pessoas de boa vontade, sem dúvida constitui o melhor modo de testemunhar nossa fé em Deus pai-mãe criador e a melhor contribuição que podemos dar a esse mundo em busca da iluminação de um futuro que gostaríamos que fosse mais igualitário, livre e fraternalmente mais humano (QUEIRUGA, 2006, p. 58).

E, nesse sentido, também as ciências são desafiadas a essa utopia. Não faz sentido, nestes tempos, por exemplo, pensar em uma vacina que chegue apenas para quem tem condições de a comprar. Após todo este susto e surto pandêmico, indaga-se: quando a vacina estiver pronta, faz sentido ela não ser disponível para todos? Cabe à Teologia e à Filosofia, por exemplo um sério questionamento àqueles que querem fazer distinção de pessoas. Certamente que, sem a ciência não seria possível superar uma pandemia como esta, contudo, a mesma ciência é desafiada a abraçar a lógica da fraternidade. Sabe-se que se faz necessário reconhecer os limites para que seja dado espaço à dinâmica natural da existência. Ela, que está em contínua evolução, limita tal evoluir se não estiver em genuína comunhão com toda natureza e com todos os seres humanos. Pois sabe que, cada criatura, independente da sua condição, pode contribuir com todo conhecimento e desenvolvimento da humanidade. O destino comum a todos torna-se auto implicativo. Isto é, a pandemia, ao colocar a humanidade em pé de vulnerabilidade, reivindica o cuidado universal de toda a criação. Pondera-se que a humildade no reconhecimento da própria fragilidade, evidencia a força e a arma mais potente para que o ser humano seja capaz de combater o medo. Ao assim proceder, indubitavelmente, dissipa-se a prepotência, que colocam em becos sem saída, os seres humanos desumanizados na contemporaneidade.

Argumenta-se que a criação divina não foi um ato completo no princípio de tudo, mas é um ato contínuo de todos os tempos e lugares. A humanidade é desafiada a continuar colaborando no processo criador, pois “o ser humano é criado criador” (GESCHÉ, 2003, p. 53). O teólogo Andrés Torres Queiruga faz lembrar que a criação não é uma palavra com descrição estática ou conceito abstrato de algo que

aconteceu em um único momento histórico, mas argumenta que o ato criacional possibilita entender que a criação não é algo que aconteceu no início dos tempos e depois cessou. Assim ele pondera:

Não, a criação não é ato único e certo, que nos ponha no ser e depois nos abandone à inércia da própria perduração. A criação é algo permanente, o apoio vivo do nosso ser em cada momento da existência. O não existir por nós mesmos, porque em nós não está a razão de nosso ser; este está sendo continuamente sustentado por Deus, que no-lo está constantemente entregando. Sem a viva e perene presença do ator-criador simplesmente não seríamos” (QUEIRUGA, 1993. p. 85).

Como é possível observar, o Criador dá à criatura humana a capacidade de ser protagonista do cuidado da criação, mas sem a tirania de roubar da terra e dos seus semelhantes os seus próprios recursos. Entende-se que é na soma e na harmonia dos recursos naturais com os humanos que a humanidade será capaz de vencer qualquer luta em favor da vida. É quando o ser humano se coloca como colaborador e não como usurpador dos bens da criação, que ele desenvolverá a sua teleologia. “O mandamento de ter de crescer e multiplicar dá continuidade a essa ideia de que o mundo está inacabado e que o ser humano é chamado, por isso mesmo, a encontrar aí o espaço, o campo onde vai poder se expandir e aperfeiçoar todas as coisas; no fundo, tornar-se humano” (GESCHÉ, 2003, p. 72).

Se a Filosofia da Educação e a Teologia ajudam o ser humano a reconhecer as suas virtudes, fragilidades e humildade como força criada por Deus, estará de posse de um grande poderio. Mediante o cabedal de conhecimentos que possuem, poderá favorecer aos seres humanos hodiernos, a aquisição do sentido da vida, educando a todos para o coletivo. E, ao fazer isso -, perante tantos discursos religiosos que assustam hoje, ou que prometem libertação repentina e mágica -, ao orientar as pessoas a praticarem o bem extirpando preconceitos, desconstruirão muitos males que ameaçam a vida. Desse modo, serão desmistificados qualquer tipo de engodo. E, isso só acontece, quando “o problema ético tiver sido recolocado na luz de um querigma que não condena, mas faz apelo à vida” (RICOEUR, 1987, p. 283).

Nesse sentido, argumenta-se que o mais importante consiste em recordar que o ser humano é *húmus*, feito da terra, e por isso precisa viver a humildade. Vale recordar ainda à humanidade que, não obstante os sinais de morte, ela carrega em si, um sopro divino, e isso lhe faz transcender à realidade de dor e de medo. É da sua natureza e vocação -, mesmo que sem qualquer prática religiosa -, a capacidade da meditação. Nesse sentido, é desafiada a contemplar a face de um Deus que se une a toda à criação para combater o mal. Pois “Deus nos cria para a felicidade em comunhão com ele, chama a todos e desde sempre: não houve desde o começo do mundo um só homem ou uma só mulher que não tenham nascido amparados e promovidos por sua

revelação e por seu amor incondicional” (QUEIRUGA, 2006, p. 33). E, é tendo em mente este zelo de Deus pela sua criatura que a humanidade é desafiada a um ajuste de foco naquilo que realmente importa para que a sua vida tenha sentido. E, o ser humano se torna, enfim, realizado. Nesse processo, ele procura eleger uma hierarquia de valores.

A hierarquia de valores

Percebe-se que muitas pessoas se questionam, principalmente em tempos fortes que lhe ameaçam, sobre a atuação de Deus na história humana. Por isso, as indagações pelo sentido do momento atual são mais do que naturais e necessários. Quando os questionamentos veem alimentados pela fé e nutridos de um grau de razoabilidade, são filosófico-teológicos. É possível afirmar que aquele que pergunta por Deus já é um teólogo. “Toda pessoa de fé, na medida em que busca entender a razão do que crê, é, a seu modo e à sua medida, teóloga” (BOFF, 1998, p. 17). E, sabe-se que um teólogo não fica pensando nas coisas abstratas que estão fora deste mundo ou desta realidade, como se Deus morasse em uma instância superior ou separada. Pelo contrário, argumenta-se que, necessariamente, o teólogo pensa e questiona a realidade histórica, buscando um sentido que o ajude a enfrentar tal momento, pois ele sabe que a manifestação de Deus se dá no dinamismo da história. Nesse sentido, a partir do ponto de vista da teologia cristã, entende-se, que, para a humanidade enfrentar uma epidemia como a do coronavírus, se faz necessário inspirar-se em Jesus de Nazaré. Ele, pelo seu próprio modo de proceder, ensinou aos seus discípulos que é necessário ter uma esperança na vida. O seu modo de agir e ensinar, fez com que os seus seguidores não fossem indolentes no esperar, mas sagazes no esperar. Ou seja, ao olhar para o exemplo de Jesus de Nazaré com os seus, a humanidade hodierna é desafiada a reconhecer um valor na luta, e não apenas na vitória final. Na busca por este sentido, a presente pesquisa propõe, naturalmente, uma chave de reflexão sobre os valores da existência humana que realmente importam.

Vale ressaltar que, quando se fala de valores, não se entende imediatamente nos valores morais. Mas em questões mais profundas. A vida e o seu sentido último precedem qualquer discussão ética, principalmente quando assume o seu caráter metafísico e espiritual. Ou seja, defender uma moral sem base metafísica, é se degradar em moralismo estéril e sem compromisso com a defesa de vida digna para todos. Em face da fragilidade da criação, dispor-se a falar de valores é compreender que a vida “é” ou “contém” valor, que ela é importante, preciosa, que se sustenta a partir de uma Fonte Superior, “pois tudo o que é frágil precisa de um suporte” (BOFF, 2014, p.119). Nesse sentido, estar em comunhão com o Mistério é defender a vida. Por isso, valorizar a simplicidade da casa e da família diz muito para o ser humano.

Não se entende, que a Filosofia da Educação nem a Teologia possam estabelecer uma hierarquia de valores válida para cada um

dos seres humanos em particular, mas põe a criatura humana em pé de igualdade. No sentido de que todos são indistintamente merecedores de respeito pelo simples fato de existir. Por isso não é o que se faz aqui, eleger uma hierarquia de valores religiosos que devem ser seguidos por um determinado grupo em detrimento de outros. Entende-se que “Deus não cria homens e mulheres ‘religiosos’; cria simplesmente homens e mulheres” (QUEIRUGA, 2006, p. 28). Ao olhar para o sentido da criação que a humanidade desenvolveu na contemporaneidade, os valores encontram-se invertidos. Há um deslocamento de eixo, quando se tem, por exemplo, a questão óbvia que jamais necessitaria ser posta em uma sociedade genuinamente humana: “salvar a economia ou a vida”? Quando diante dos telejornais se depara com questão desta natureza, se constata facilmente, que, na sociedade atual, a organização da vida e do sentido do humano perpassa, principalmente, pelas ocupações remuneradas no grande desejo de acúmulo. O humano está a serviço do lucro e não o contrário.

Em suma, o mercado inculcou na humanidade contemporânea, que a vida ganhará um sentido mais amplo à medida que o ser humano dispuser de bens para consumir. E sem se dar conta, vive-se uma hierarquia de valores muito bem estabelecida pelo mercado. Nesse sentido, argumenta-se que, neste tempo de coronavírus, chegou o momento de o ser humano retomar aos antigos hábitos, às velhas brincadeiras, aos sonhos e fantasias engavetadas. Quiçá reencontrará os valores pelos quais vale a pena viver. Desse modo, redescobrirá do óbvio ao extraordinário o local aonde realmente Deus escolheu para morar. Indagará onde realmente está a razão e o sentido do existir humano, e que perfaz, inclusive, o seu caráter. Nesse sentido, entende-se “a natureza imutável do caráter como perspectiva finita, não-escolhida, de nosso acesso aos valores e do uso de nossos poderes” (RICOEUR, 1991, p. 144). Saberá, então, que Deus reside no local imutável do ser humano, no seu mais profundo ser.

Do óbvio ao extraordinário: onde está Deus?

Nestes tempos de pandemia, alguns humanos da aldeia global estão vendo, por exemplo, as igrejas e escolas fechadas. Não há visão mais equivocada. Existem Igrejas e Escolas domésticas aonde genuinamente deve fomentar a refinada meditação e educação. Em se tratando de religião, o seu tempo litúrgico mais importante (quaresma e tempo pascal) passou suspenso de celebrações oficiais, nos templos, mas elas aconteceram nas casas. De igual forma, as instituições educativas, no vigor do seu tempo de ensino, também tiveram suas aulas presenciais suspensas, mas nem por isso a educação foi suspensa. Num gesto sagrado e educativo, as Escolas e as Igrejas, em colaboração com as autoridades sanitárias, cancelaram todas as suas atividades que aglomerassem pessoas para colaborar no combate à transmissão do coronavírus.

Mas, a pergunta “Onde está Deus?” continua. Jesus também fez a mesma pergunta (Mt 27, 46) e Paulo teve a ousadia de responder: “na

Cruz” (Gl 2, 20). Sabe-se que não existe uma resposta racionalmente convincente para essa pergunta. Mas, o que a teologia leva a afirmar, de forma direta e sem qualquer medo de equívocos, é que Deus está nas pessoas crucificadas por este vírus. É um Deus que se deixa contaminar para estar “do lado” dos que sofrem, a exemplo de Jesus que “estendeu a mão e tocou no leproso” (Mt 8,3).

Sabe-se que Deus, mediante as pessoas que hoje cuidam diretamente dos doentes, se abaixa e se faz pequeno para confundir os prepotentes, mas sobretudo para erguer os caídos. Deus toca a realidade histórica com a mão humana. E aquilo que parecia normal, se revela como extraordinário. Nos gestos corajosos de profissionais cheios de compromissos e ciência de sua tarefa neste mundo, está Deus. Ele age de forma extraordinária no ordinário da vida. Deus está aí presente nessa história e sofre os males com as suas criaturas. “A cristologia atual descobriu, com efeito, a armadilha ao compreender que não está a verdadeira divindade de Jesus em sua negação do humano, mas muito pelo contrário, em sua genuína plenificação: só porque era Filho de Deus, pôde Jesus de Nazaré ser tão plenamente humano” (QUEIRUGA, 2006, p. 42). A pessoa de Jesus de Nazaré põe Deus a descoberto. Sem Jesus Cristo a humanidade seria analfabeta de Deus. Seus gestos e ensinamentos, revelam que diante de Deus não deve existir rico ou pobre, privilegiados e carentes, favela ou *alphaville*, mas apenas filhos no Filho. Deste ponto de vista, todos devem receber os mesmos cuidados. Tristemente a pandemia revelou a face horrível da desigualdade. Para os hospitais de campanha vão as escórias da sociedade e, para os hospitais particulares -, que mais parecem hotéis de luxo do que locais de tratamento -, vão os abastados.

A “normalidade” da atual sociedade, consiste nos ricos obterem sempre os privilégios e os pobres permanecerem com as sobras. Este desenho de “normalidade” não encaixa nos valores deixados por Jesus de Nazaré. Com a atitude divina, revelada em Jesus, a humanidade é desafiada a mudar. Tristemente, as mesmas lógicas e raciocínios da realidade pandêmica em relação à saúde e seus privilégios se aplicam aos sistemas educacionais. Deus não privilegia uns em detrimento de outros e convoca a sua criatura humana a aprender d’Ele: “aprendei de mim que sou manso e humilde de coração” (Mt, 11, 29). Não resta dúvidas de que Deus cuida de forma carinhosa do ser humano, sobretudo daquele que está crucificado pelas situações geradas por esta pandemia. Em face disso, a humanidade hodierna é desafiada a ajustar o foco das suas percepções, com um olhar místico e transponível para ver o extraordinário no ordinário dos acontecimentos.

Entende-se que, neste momento, o medo atrapalha, mas o temor de Deus orientar as pessoas todas, mesmo as que não estão vinculadas a qualquer confissão religiosa. Sabe-se que é a condição humana que se encontra vulnerável. Por isso, para não ficarem perdidos, sem sentidos para as suas vidas e desorientados, ao ser humano se faz necessário e urgente seguir todas as orientações daqueles que, com

competência profissional, procuram dar os direcionamentos e rumos a seguir. O Cardeal João Aviz argumenta que: “O testemunho mais eficaz que podemos dar é, antes de tudo, a obediência serena e convencida ao que nos é pedido pelos que nos governam, tanto a nível civil quanto eclesial, a tudo o que está preparado para a proteção de nossa saúde, tanto aos cidadãos privados como à comunidade” (AVIZ, 2020). E este é o primeiro compromisso como ser humano, como cidadão e como cristão. A fé e o uso da razão pedem responsabilidade e solidariedade do ser humano hodierno, uma vez que o seu destino comum implica este tipo de atitude.

Argumenta-se que a responsabilidade, iluminada pela fé e o correto uso da razão dão olhos límpidos para que a humanidade possa compreender o extraordinário ou o maravilhoso de cada dia, mesmo nos momentos mais difíceis. Não resta dúvidas de que, pelo fato de a natureza estar se regenerando, com a diminuição de poluição, só para citar um exemplo, contribuirá para uma melhoria da qualidade da vida como um todo. A começar pelo ar que o ser humano respira, pois, se faz necessário respirar, mesmo que para isso, dependendo do local, respirar se torna um risco.

Tem um dito oriental que diz: “o que tem de mais óbvio que o ar? Mas ai de nós se não respirarmos”. Ao suspender celebrações coletivas a teologia auxilia o ser humano neste momento, principalmente a ampliar o seu olhar e reconhecer a presença divina que vai muito além dos templos religiosos. Sem cair na ditadura do relativismo, vale reconhecer que em todos os lugares, os seres humanos, têm a oportunidade do encontro com Deus.

Enfim, para concluir a presente reflexão, do ponto de vista filosófico, indaga-se: como serão desenhadas as mensagens filosófico-teológica a partir da política? Do ponto de vista político, o que pode mudar, sobretudo neste momento em que o sentido do bem comum se perdeu? Como repensar os valores humanos em tempo de *Circuit breaker* ou colapso nos mercados mundiais? Como repensar a política econômica atual de modo que se interesse mais pelo valor do cuidado com pessoa e não apenas do acúmulo? São questões que ainda ficarão para uma longa, profícua e necessária discussão. O presente texto não tem a pretensão de fazer profecias e nem de desenhar perspectivas. Contudo, entende-se que haverá, indubitavelmente, uma nova forma de pensar e repensar o futuro da humanidade no mundo pós Covid19. Nesse espírito, há aqui uma palavra devidamente autorizada e que faz belo encorajamento para aprofundar o serviço conjunto. Nesse sentido argumenta-se que:

Não se trata de nos tornarmos todos mais volúveis nem de escondermos as convicções próprias que nos apaixonam, para podermos encontrar-nos com outros que pensam de maneira diferente. Se uma pessoa acredita que o Espírito Santo pode agir no diverso, então procurará deixar-se enriquecer com essa luz, mas acolhê-la-á a partir de dentro das próprias convicções e da

própria identidade. Com efeito, quanto mais profunda, sólida e rica for uma identidade, mais enriquecerá os outros com sua contribuição específica (QUERIDA AMAZÔNIA, n. 106).

Assim, em se tratando de uma possibilidade de o mundo se tornar mais saudável após a pandemia, se está a imaginar exatamente com as categorias da esperança, da caridade universal, da busca constante e consciente do sentido genuíno da realização humana. Entende-se que o ser humano somente será minimamente feliz, se ele captar o para que ele existe. Ou seja, qual é a sua missão neste mundo? E, a partir da Filosofia da Educação bem como da Teologia, entende-se que somente o ser que se dedica ao cuidado do seu semelhante e do cosmo, terá a alegria que a comunhão proporciona e realizar-se-á enquanto genuinamente humano.

Considerações finais

Dentre tudo que foi argumentado, se faz mister entender que, a partir do ponto de vista teológico-filosófico, quando se tem em mente que, ao longo da história, a humanidade sofreu com pandemias, ela nunca se deixou abater e amedrontar no sentido de se dar por vencida. Vale dizer que em face dos tempos desafiadores a humanidade é chamada a viver a serenidade e a responsabilidade. As doenças dos tempos passados nem todas desapareceram, mas, nem por isso o desespero tomou conta das pessoas. Hoje, sabe-se que o nível de medo e ansiedade está causando muita dor e sofrimento, de modo que as pessoas estão adoecendo sem ter Covid19. É importante ter equilíbrio, saber filtrar informações e evitar se embriagar de notícias.

No entanto, o que há de se defender veementemente, é a supremacia da vida perante os demais valores. Não existe outra opção de valor supremo que supere a vida. É dessa forma que a filosofia não se restringe a uma educação intelectual. E, com uma reflexão que não negligencia a pessoa e suas experiências, estimula sempre a uma investigação a favor da vida. É com esse modo de pensar que a filosofia e a teologia ajudarão a humanidade a construir significados para este tempo sem a pretensão de oferecer respostas prontas.

O tempo pós pandemia Covid19, inevitavelmente reivindica das pessoas um novo modo de viver, substituindo o consumismo e o egoísmo pela disponibilidade e o cuidado. A ética do cuidado deverá ter um grande espaço na vida humana. Entende-se que se está vivendo o século do cuidado com a natureza, pois o destino comum da humanidade está ameaçado se este cuidado global não se efetivar. O tomar consciência da relação fraterna como identidade própria dos seres humanos se desponta como uma evidente necessidade. Além da relação entre pessoas, pensa-se no amor mútuo entre o ser humano e a natureza que dela faz parte. A vida, de forma serena, dá sinais de que é uma necessidade e uma condição para que a humanidade volte

ao cultivo de uma Terra Sem Males. Reivindica-se hoje atitudes que exigem a construção coletiva de uma sociedade justa e em paz. Tudo isso parece grafias de uma mentalidade exageradamente utópica, pode até ser, mas sabe-se que sem utopia não se avança de um patamar para outro. O patamar destruidor e eivado de crises em que a humanidade se encontra, reivindica um movimento para a direção da vida plena para todos. Argumenta-se que sem os valores do Reino de Deus e sem a razoabilidade humana, dificilmente se encontrará o sentido do existir.

Da filosofia e da teologia, portanto, emanam um sentido de libertação, não somente uma libertação da catástrofe da pandemia coronavírus, mas sim de uma mentalidade fechada em si mesma. Entende-se que essa libertação é ponto primordial para o combate dos males que a humanidade e todo o planeta enfrentam nos tempos atuais. Portanto, é necessário passar da fenomenologia à libertação, ou seja, o fato de ler e compreender a situação contemporânea é apenas o primeiro passo. Reivindica-se a necessidade de reconhecer a epifania como revelação do rosto humano do pobre, da face devastada da natureza que conserva sempre uma exterioridade metafísica. Trata-se de uma descoberta do rosto transcendente, em cuja epifania começa a libertação real.

Referências

- AVIZ, João Bras de. **Carta aos consagrados e consagradas**. In. <http://www.congregazionevitaconsacrata.va/content/dam/vitaconsacrata/Avvisi/LETTERA%20MARZO%202020%20IT.pdf> (acesso 2 abril 2020).
- BOFF, Clodovis. Conselhos a um jovem teólogo. In. **Perspectiva teológica**, v.31. n. 83 (1999) pp. 77-96.
- BOFF, Clodovis. **Teoria do método teológico**, Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- BOFF, Leonardo. **Seleção de textos espirituais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.
- BOFF, Leonardo. **Reflexão de um velho teólogo e pensador**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.
- DUSSEL, Enrique. **Filosofia da Libertação**. Na América Latian. São Paulo: Loyola, 1986.
- GESCHÉ, Adolphe. **O ser humano**. trad. Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulinas, 2003.
- JAPIASSU, Hilton. MARCONDES, Danilo. Medo. In. **Dicionário Básico de Filosofia**. 5a ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

MESSIAS, Adriano. **Comunicação e Antropoceno: os desafios do humano**. São Paulo: EDUC, 2019.

MIRANDA, M. F. *Laudato Si: uma abordagem teológica*. In. **Revista de Teologia** (Buenos Aires), v. 52, p. 9-21, 2016.

MOLTMAN, Jürgen. **Há esperança para a criação ameaçada?** Trad. Levy Bastos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

PAPA FRANCISCO, **Encontro do Papa com os alunos das escolas do ensino básico**. In. http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/june/documents/papa-francesco_20170602_ragazzi-cavalieri.html. Acesso em 10 de junho, 2020.

PAPA FRANCISCO. **Exortação Apostólica Pós-Sinodal: Querida Amazônia**. São Paulo: Paulinas, 2020.

PESCHE, Otto Hermann. Graça. In. EICHER, Peter. **Dicionário de conceitos fundamentais de teologia**. São Paulo: Paulus, 1993, p. 328.

RICOEUR, Paul. **O Si mesmo como um outro**. Trad. Lucy Moreira Cesar. Campinas, SP: Papyrus, 1991.

RICOEUR, Paul. **O conflito das interpretações: ensaios de hermenêutica**. Trad. Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

TORRES QUEIRUGA, Andrés. **Creio em Deus Pai: o Deus de Jesus como afirmação do humano**. São Paulo: Paulus, 1993.

TORRES QUEIRUGA, Andrés. **Um Deus para hoje**. 3ª ed. São Paulo: Paulus, 2006.

Recebido: em setembro de 2020

Aprovado: em outubro de 2020